

**A vida é uma
puta barata!**



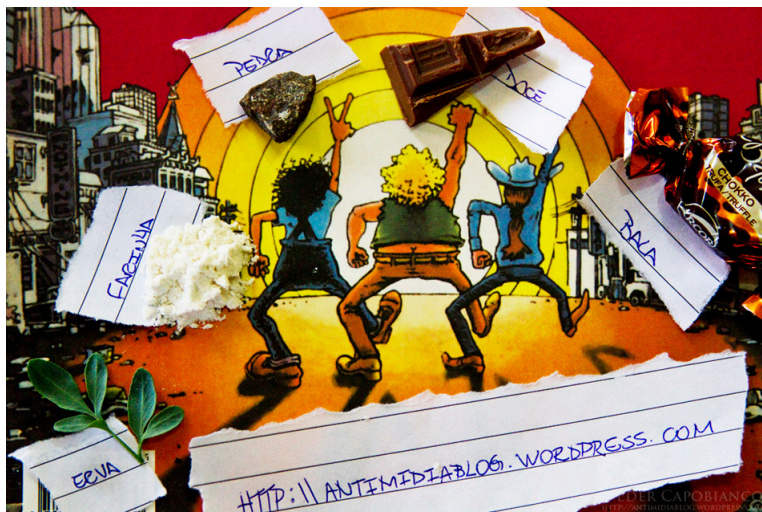
EDER CAPOBIANCO ANTIMIDIA

Eder Capobianco Antimidia

A vida é uma puta barata!

O que ninguém quer saber sobre
a vida de quem não interessa.

2014 © Produção Caseira e Distribuição Aleatória



Este e-book foi diagramado em formato A5 (148 mm x 210 mm), e contém 22 contos escritos por Eder Capobianco Antimidia e publicados na rede de blogs AntimidiaBlogs.

:: Foto da capa e capa | Eder Capobianco Antimidia
 :: Diagramação | Eder Capobianco Antimidia
 :: Textos | Eder Capobianco Antimidia

ANTIMIDIA, Eder Capobianco. *A vida é uma puta barata!*. Assis, SP: Produção Caseira e Distribuição Aleatória, 2014.

eder.capobianco@gmail.com
<http://antimidiablog.wordpress.com>
<http://www.flickr.com/antimidia>
 #antimidiablog #avidaeumaputabarata #edercapobianco

2014 © Produção Caseira e Distribuição Aleatória

Sumário

Expurgo	5
Fatos Cotidianos 27 – Nova perspectiva, os pés no chão!	7
Gafanhotos pastando no mar de lama	9
Sra. Pimenta e as pepitas de ouro	11
Vivendo a emoção de cada dia	13
Formigas trabalhado em nome do amor	17
Fatos Cotidianos 10 – Trabalhando em telemarketing	19
Cu-Sujo	21
All Star #37	23
Quem procura acha	25
“O” de otário	27
Toda felicidade da tristeza	29
Dupla dinâmica e uma noite de sexta	31
Fatos Cotidianos 17 – A vida dói	33
A nobre arte de fazer dinheiro	35
As últimas 24h de Vitória	37
Cotidiano porção única	40
O elefante, o armário e a mulher do padre	43
Felicidade para cretinos e desesperados esquecidos por Deus	45
Crise psicológica permanente	49
Fatos Cotidianos 5 – Promiscuidades	51
Dias de glória	55

Expurgo

Edgard era inofensivo. Sofreu Bullying na escola desde o pré-primário. Não tinha nenhum tipo de ambição ou futuro. Sabia pouco ou quase nada sobre qualquer coisa. Um verdadeiro idiota. Teve só duas mulheres na vida. Uma ele pagou e outra estava bêbada o suficiente para não perceber que ele tinha broxado. Nunca começou ou terminou nada. O auge da sua vida foi ser rodie do Dorsal Atlântica no Monster of Rock de 97. Achava que o Roberto Carlos não era o rei do Brasil. Sua rotina variava entre beber em casa, ou beber no bar. Ele era um fardo para si mesmo.

Quando falava ninguém escutava. O voto dele jamais mudaria uma eleição. A última vez que andou de carro foi numa viatura policial. Só não ficou preso porque não tinha lugar para ele nem na cadeia. Sente saudades dos tempos em que não apanhava da polícia só porque estava bêbado e fedendo. Esperou Coelhozinho da Páscoa, Papai Noel, políticos. Nenhum deles veio. Se Edgard fosse um animal seria excluído em nome da sobrevivência do bando. Sua casa parecia um chiqueiro. Tinha de tudo no chão e praticamente nada nos armários. Dormia como um nóia, num colchonete jogado num canto. Um dia Edgard matou um cara com uma facada, lá no Viaduto do Chá. Queria ver a morte. Só viu um estranho engasgar sangue por dez minutos antes de apagar.

Na rua o apelido dele era Asqueroso. Não tomava banho. Não tinha muitos dentes para escovar. Não limpava a bunda. Não era nem um pouco limpinho. Edgard tinha birruca e pereba. Era nojento. Era careca. Já tinha dado o rabo. Para ele não fazia diferença, caro ou barato, noite ou dia. Tudo era igual. Meio cinza. Nunca teve carteira assinada. Nunca teve

carteira. Trabalhou na estiva. Trabalhou em obra. Trabalhou sempre pensando em não trabalhar nunca mais. Pegou latinha. Pediu na rua. Fez malabarismo. Sobreviveu aos 27.

Em toda sua existência em nenhum momento cogitou a hipótese de fazer diferente. Nem de fazer. Então nada aconteceu. O tempo passou. A tremedeira aumentou. Nem Jesus nem o Diabo ajudaram ele. Edgard apanhava da vida todo dia. Teve que encarar tudo sozinho. Sol e chuva. Com a cara inchada e sem coragem. Não muda nada. Nem fica igual. Também não desaparece. Fica lá. Fedendo. Chafurdando. Gostava de beber. Qualquer coisa. Edgard não era exceção, nem a regra, nem o desvio. Não era feliz, nem triste. Gostava de Bukowski mas não fazia questão de ler.

As vezes ele costumava andar perambulando pelas ruas sem direção. Jamais se teve notícia de que Edgard deu algum problema em algum lugar. Ninguém sabia muito sobre ele. Edgard não acredita quando alguém diz que não sabe de nada. As vezes ele chora sem motivo. As vezes ele ri sem motivo. Lamentava as injustiças do mundo. Não comemorou quando a Seleção Brasileira ganhou o tetra e o penta. Nunca viu a Nadia Comaneci tirando o único 10 da história da ginastica olímpica.

Nem sempre Edgard comia. Tinha o corpo magro, seco, raquítico. Não ficava doente pois não sobreviveria. Era contra a legalização das drogas. Para ele depressão era frescura. Psicólogo era só um padre que não acreditava em Deus. A televisão roubava o tempo das pessoas. Não assistia novelas, nem filmes, nem jornal. Confundia Monet e Manet. Edgard não conseguia se lembra de ter uma família. Estava em casa, bebendo, olhando para a parede. Quando percebeu que estava pensando se levantou e foi dormir.

Fatos Cotidianos 27 – Nova perspectiva, os pés no chão!

Fazia um calor insuportável. Joana estava atravessando a Paulista a pé para economizar as moedas do metrô. Quando entrasse no escritório ia dizer que estava passando por problemas pessoais. Seu irmão estava no crack (não ela na cocaína). Três dias sem dar as caras. Na melhor das hipóteses uma demissão por justa causa. Não fazia mais sentido o trabalho de secretária. Com trinta anos não via futuro em continuar tentando isso. Precisava vender só uma tela. Só uma. Para pessoa certa. Não pintava a meses. Tinha uma meia dúzia razoáveis dos bons tempos de produção (quando ainda tinha vinte e poucos). Era pouco. Pareceu muito um dia. Entrou no prédio e o ambiente climatizado do *hall* foi o choque da realidade. A esmola do seguro desemprego mal pagaria as contas.

“Oi Jô. Você está bem?” “Mais ou menos. As coisas em casa...” “Imagino. Três dias! Dr. Carlos vai falar com você. Não é para você trabalhar.” “Tudo bem.” “Ele falou com a sua mãe ontem.” Joana ficou tão abalada que não respondeu. Em casa ela não aparecia há uma semana. Fudeu tudo em uma semana. O cliente saiu do escritório. Dr. Carlos olhou para a sala de espera, cumprimentou Joana, e fechou a porta. Em instantes o telefone tocou. Márcia atendeu. Não falou nada. Desligou. “Vamos entrar lá Jô.” Ela pegou uma pasta, saiu de trás da mesa e abriu a porta.

Joana estava suando. Márcia entregou a pasta e saiu. Ele esticou a mão na sua direção. “Boa tarde Joana.” “Boa tarde Dr. Carlos.” Ele deu a volta e sentou. “Desculpe pelos últimos dias...” “Você deve desculpa a sua mãe, não a mim.” “Eu sei, mas...” “Você entende porque vai ser demitida?” “Sim. Não. Por favor. Por justa causa não!” “Não

quero te prejudicar. Preciso que assine estes papéis.” Joana começou a rubricar as folhas sem ler, nas linhas que ele apontava o dedo. Depois ele entregou a pasta para ela e a orientou a falar com Dona Marta no RH. “Melhoras para você.” Dr. Carlos estendeu a mão novamente para ela e fechou a porta. Márcia disse que Dona Marta estava a sua espera.

Dona Marta deu para ela quase dois mil. Após assinar mais algumas linhas pegou o elevador e desceu. O mormaço da cidade foi como um gancho bem dado no seu queixo. Joana sentiu o golpe. Sua expressão escancarava isso. Ela voltou a Paulista a pé e desceu a Augusta. Pegou uma lata de cerveja e voltou para Paulista. Quando jogou a latinha fora, perto da Gazeta, percebeu que não sabia para onde ia. Ligou para sua mãe. Disse que estava bem e contou que tinha sido demitida. Estava, estranhamente, calma. Escutou que devia voltar para casa. Argumentou que estava produzindo. Estava morando no ateliê de uma amiga. A mãe chorou. Ela prometeu ligar frequentemente e desligou.

Ficou olhando o monte de ninguém num vai e vem frenético. Pensou nos dois meses de aluguel pagos no bolso. Pegou mais uma lata de um vendedor de rua e foi em direção a Brigadeiro, para o ateliê. No caminho pintou três telas na cabeça e começou pelo menos outra meia duzia. Nada fazia muito sentido. Precisava de contatos. Entrar no círculo. Talvez tivesse deixado uma ou duas boas chances passar. Nunca pareceu muito interessante vender telas no Parque Trianon. Poderia ter conhecido alguém. Muita coisa poderia ter acontecido, mas nada aconteceu. Passou por uma placa de neon que piscava em vermelho: “Massagem”. Entrou por uma passagem lateral e subiu por uma escada até o segundo andar. Parou em frente uma porta onde se lia “ateliê”, abriu, e chegou em casa.

Gafanhotos pastando no mar de lama

Rosana morava num cubículo no Largo do Arouche junto com Joe, um Bull Terrier. Em qualquer posição que se possa imaginar ele era maior que ela. Fortunato esperava por algum sexo, alguma bebida e com sorte uma cama para dormir até a manhã seguinte. Os dois vinham caminhando pelo Viaduto do Chá. Tinham acabado de ser expulsos de um bar perto da Consolação. Já estavam andando sem direção a pelo menos meia hora. Decidiram ir para o cubículo.

- Já te falei sobre o Joe? – começou ela.

- Joe? – respondeu ele de supetão, intrigado.

- Sim, é um Bull Terrier que mora comigo. – disse ela banalmente.

- Você tem um Bull Terrier na sua quitinete? – perguntou ele assustado.

- Não. Divido uma quitinete com o Joe. – explicou ela num tom de desdém.

- Mas ele é bravo? – continuou ele num tom de dúvida.

- As vezes. Hoje não. – disse ela sem se importar muito com o questionário.

Os dois pararam num bar. Compraram três latas de cerveja e um corote de pinga e seguiram no rumo.

- Não me sobrou muita coisa depois desta. – soltou ele. Rosana parou.

- Você não tem dinheiro e quer transar? Isso não vai dar certo. – sentenciou ela.

- Não...Não é isso. – Fortunato se assustou de novo.

- Então você tem dinheiro? – encurralou ela.

- Não muito. – falou ele um pouco baixo.

- Acho que vai ser o suficiente. – disse ela e voltou a

andar. Ele se postou a seu lado quieto.

Quando eles entraram no cubículo Joe estava na cama. Ele levantou a cabeça, olhou para os dois, abaixou e se espreguiçou. Ficou maior que a cama.

- Vamos ter que transar no banheiro. – disse ela como que um comunicado.

- Você não vai prender ele? É muito grande! – ele estava apavorado.

- Ele só me quer quando estou “naqueles dias”, mas é melhor não fazer muito barulho. Pode parecer provocação. Vamos... – disse ela, no comando.

Saíram do banheiro em quinze minutos. Joe tinha levantado da cama e estava na frente da TV ligada, com duas tijelas vazias. Rosana pegou uma lata de cerveja e esvaziou em uma, na outra colocou duas mãozadas de ração com amendoim. Ele lambeu a perna dela, que fez um cafuné em sua cabeça e sorriu.

Fortunato não conseguia se sentir confortável. Parecia que o cão do inferno o observava pelo reflexo da televisão. Joe se pôs de pé, olhou sem interesse para os dois sentados na mesa e voltou para cama. Depois de um tempo ele levantou e foi ao banheiro. A porta se fechou. O barulho do mijo na água. Então a descarga. Fortunato suava frio. Rosana foi até a cozinha. Ele colocou uma nota de vinte na mesa e saiu nas pontas dos pés. Escutou a porta do banheiro abrir. Quando viu a rua começou a correr.

Sra. Pimenta e as pepitas de ouro

Charles nasceu num lugar onde toda esquina era uma viela. Guardas andavam pelas ruas balançando seus cassetetes de madeira. Poucos carros circulavam. Os postes de luz não iluminavam nada além da praça. As prostitutas eram respeitadas. Bebida alcóolica era vendida à qualquer um que pudesse pagar. O bar era um ambiente para fugitivos e renegados. Seus primeiros porres vieram junto com suas primeiras moedas, que conseguiu engraxando botas. Foi no mesmo buteco que ele conheceu uma singela Senhorita, que o apresentou a Sra. Pimenta, que tinha um intestino muito peculiar. Ela cagava ouro.

Era uma terça-feira perdida. Não tinha tido muito trabalho e ele estava pedindo para que alguém pagasse uma cerveja. Uma garota estranha aquele meio se aproximou dele com uma caneca cheia e ganhou sua atenção. Depois de algumas goladas ela tirou uma maço de notas. “Tem mais da onde vem estas.” Instigado pelo cheiro do dinheiro ele seguiu ela para fora do bar. Os dois saíram em direção a uma estrada de terra. “Pode acreditar, ela caga pepitas de ouro tão limpas que dá vontade de beijar”, disse ela. Foi então que ele descobriu que para tal transformação a velha precisava engolir porra de um jovem. Era aí que ele entrava na história.

Não precisou de mais explicações para o garoto topar deixar a Sra. Pimenta a vontade para uma boa mamada. “A digestão dela demora umas doze horas, parece um relógio. Então eu troco as pepitas na casa de penhor e você ganha cem pratos e uma chupada.” Acordo selado. Os dois começaram a chegar perto de uma carruagem, parada na entrada de uma porteira. Charles estava bêbado o suficiente para não lembrar o caminho. Também era o bastante para não reparar numa idosa ten-

tando parecer gostosa. As gengivas expostas dela satisfizeram sua curiosidade a respeito do sexo na terceira idade. Depois de anos praticando sua técnica tornava aquilo realmente um prazer.

Quando ele acordou no sol não tinha nenhum sinal da carruagem. Ele voltou e ficou perambulando pela cidade durante o dia. Não lembrava muito da cara da velha, mas era capaz de descrever a bela morena com perfeição. Ficou horas parado na frente da casa de penhor. Nada. No fim da tarde voltou ao bar. Ela apareceu. Charles já tinha tomados algumas, e por isso estava com mais coragem que o habitual. “Quero meu dinheiro sua vagabunda!” “Está aqui valentão. Sabia que você ia estar aqui me esperando.” “Você me deixou jogado na estrada!” “Não disse nada sobre casa, comida e roupa lavada.” Tomaram mais algumas cervejas e foram na rota do ouro. Lá estava a Sra. Pimenta, esperando os dois com um sorriso.

De novo ele acordou de ressaca com o sol na cabeça. A rotina se seguiu por mais duas noites. Nada da garota no prego. Nenhuma notícia até o encontro no fim da tarde no bar. Charles decidiu que aquele dia não estaria bêbado. Iria lembrar do caminho, da cara da Sra. Pimenta e não ia acordar no sol. A mulher apareceu. “Não vamos perder muito tempo hoje. Quero ir para a carruagem agora.” Ela riu, disse que a velha ainda não estava lá. Uma cerveja não poderia fazer mal. Foi só uma cerveja!? Não. Minutos depois dos primeiros raios de sol acertarem sua cabeça ele acordou jogado na estrada de terra.

No fim da tarde lá estava Charles, furioso no bar. A noite começou a cair e nada da bela donzela. Ele começou a beber e a perguntar para todos sobre uma morena, bonita, diferente de todas ali. Ninguém dizia haver visto distinta senhorita pisando naquele chão em que tempo fosse. Ele foi ficando louco. Gritava uma história sobre a velha que cagava pepitas de ouro. Riram dele até que ele terminasse estirado num canto qualquer murmurando baboseiras. Alguém colocou-o para fora antes de fechar o bar.

Vivendo a emoção de cada dia

Quebra Coco acordou era pouco mais de duas da tarde. Quando abriu o olho viu que estava encostado numa parede verde musgo toda mofada usando o casaco como travesseiro. Tinha dois ou três corpos esparramados no mesmo ambiente. Uma casa abandonada no extremo da zona oeste. Ele levantou, juntou as coisas, e saiu um pouco ressabiado. Deu uma olhada pela esquina na procura de alguma tocaia, mas concluiu que estava tudo limpo. Pegou um ônibus sentido zona sul e foi para casa torcendo para que nada nem ninguém envolvido na noite passada cruzasse seu caminho. Quando entrou Lucélia estava sentada no sofá vendo televisão, bebendo e fumando um cigarro.

- Onde você estava? Já estava me preparando para ligar no necrotério.

- A noite ontem foi complicada, tive que ficar num esconderijo até agora para a poeira baixar e eu conseguir circular. Não sabia se tinha sido reconhecido. – Ele tirou um maço do dinheiro e jogou na mesa. – Tem aí para você pagar o aluguel e ainda ficar com um pouco.

- Só isso? Vale tanto risco só por isso?

- Foi um pouco mais, mas tive que pagar umas dívidas. Esta noite vai ser melhor. O Remela tá mirando um negócio aí que da para tirar o pé da lama.

- É sempre assim. O Zé tem o plano perfeito, o Fulano esta programando uma coisa grande, você está sentindo que vai acontecer, e no fim você passa a noite fazendo sequestro relâmpago e pegando migalhas!

- Ei! Não estou nessa por estas migalhas! Você sabe disso. Preciso só de tempo para encaixar o grande assalto. Estamos todos trabalhando nisso, mas não é fácil. Já conversamos

disso. Seguranças, alarmes, cofres.....precisa de investimento, inteligência.....enquanto isso precisamos viver e eu vou fazendo uns bicos.

- Estes bicos são o problema.....há anos você esta fazendo estes bicos e aonde chegamos? Você está com sangue na camiseta. Eu tenho medo.....tenho medo de saber de quem é....tenho medo de perder você.....

- Por isso temos que aproveitar ao máximo todo tempo que temos juntos. Cadê a pequena?

- Comeu e agora esta dormindo. Deixa ela em paz um pouco.

- Vou no supermercado e quero levar ela comigo. Não tem nada para comer nesta casa. Antes vou tomar um banho e fumar um relaxante, depois acordo ela.

Enquanto ele estava no banheiro a pequena Caroline acordou. Logo que percebeu que o pai estava em casa foi correndo para o quarto dele ver se ele tinha trazido algum presente. A animação dela ao ver Quebra Coco era contagiante. Mal ele abriu a porta do banheiro chapado ela pulou no colo dele gritando. Ele jogou ela em cima da cama e ficou fazendo tantas cocegas que ela ria tão alto que parecia que o quarteirão todo podia escutar. Lucélia via tudo da sala e agradecia a Deus por ter uma família tão feliz. Daquele ângulo parecia tudo quase perfeito. “É tão bonito ver eles juntos”, ela pensou enquanto os dois iam cantando para o supermercado.

- Posso pegar um chocolate?

- Pode.....não, não precisa colocar dentro do shorts.....vamos pagar.

- Mas a gente não é ladrão?

- É, mas lembra que eu disse que tem que ter ética, nós não queremos ser pegos. Tem que roubar de quem está pedindo para ser roubado.

- A gente só rouba de quem tem tanto dinheiro que pode roubar, né?

- Isso mesmo. Nada de roubar velhinhas, lojas de conveniência ou doces no supermercado. A gente não precisa disso. Somos decentes.

- Papai, a Vovó disse pra mamãe que você é um ladrão filho da puta. O que é um filho da puta?

- Resumidamente, tudo que sai de dentro da sua Vó.

- O que sai de dentro da Vovó?

- Nunca te contaram como as pessoas nascem? Viu o que quero dizer quando falo que sua mãe não te ensina nada de útil? Já tem cinco anos e não sabe como as pessoas nascem? O que você faz na escola?

- Converso com meus amigos, corro da professora, durmo, como macarrão...

- Não ensinam nem o que não precisa na escola hoje em dia. Aqueles filhos da puta estão enganando todos nós com este papo de educação!

- Eles saíram de dentro da Vovó?

- Não! Mas são tão chatos quanto ela.

Pai e filha voltaram para casa. Lucélia continuava envolta no losango sofá, televisão, cerveja e tabaco. Era um sofá velho, rasgado, azul desbotado de uma promoção de loja de crediário. A TV era nova, com tela de plasma, que o marido trouxe de ela prefere não saber. A cerveja era barata, e ela não tinha a menor preocupação em bater cinza em algum lugar que não fosse o chão. O Quebra Coco guardou as compras enquanto a pequenina foi mostrar o chocolate para a mãe, que passou a mão na sua cabeça e sorriu com uma alegria falsa. Ele saiu da cozinha com uma cerveja na mão e sentou do lado da esposa.

- Você não obrigou a menina a roubar este chocolate, né, seu filho da puta? Olha lá o que você está ensinando para ela.

- Ei! A criança nem sabe como os bebês nascem e você está me falando que eu estou ensinando coisa errada para ela? Presta atenção!

- Pai, quer chocolate?

- Não. Fica assistindo televisão quietinha que eu e a sua mãe precisamos conversar no quarto.

- Agora não.....não estou me sentindo bem. Também não quero que ela fique escutando os barulhos ou pegue a gente de novo. A hora que você voltar a gente conversa.

- O que é isso meu bem? Você sabe como é esta vida, não é? Sabe-se lá o que pode acontecer. Não quer perder esta chance. Você quer? Hen, hen....

- Você bem que podia tentar arrumar um trabalho honesto pra gente poder pensar melhor no futuro. Não aguento mais viver assim, sem saber se você volta para casa ou não. Tenho medo que você já tenha matado alguém.

- Não fica pensando nestas coisas. Se eu trabalhasse ia ter menos tempo para ficar em casa, só com você....

Protestos a parte os dois acabaram transando no quarto. O primeiro fruto deste amor não interrompeu nada, acabou dormindo no sofá velho da sala assistindo televisão e se esbaldando com uma barra de chocolate. Os pombinhos adormeceram depois de uma quente trepada. Quebra Coco acordou e se preparou para sair pisando em ovos, para não acordar nenhuma das duas. Pegou mais uma lata de cerveja, colocou o trinta e oito no bolso do casaco e foi trabalhar perto da meia noite.

Formigas trabalhado em nome do amor

Carlos chegou na frente da porta e tocou a campainha. Ninguém atendeu. Então ele tirou uma chave da maleta, colocou na fechadura, girou, e entrou. Era uma pequena sala, bem montada, com um bar e bastante garrafas. Se serviu de uma boa dose de whiskey, colocou um envelope em cima da mesa, acendeu um cigarro, sentou no sofá e ligou a televisão. Antes do último trago Milena apareceu. Ela sorriu para ele, pegou o envelope, colocou na bolsa e já tirando o casaco foi para o quarto enquanto pedia desculpas pelo atraso. Para ele não fazia muita diferença.

Ela voltou para sala com uma roupa leve. Uma blusinha de alcinhas, sem sutiã, que combinava com um shortinho curto de tecido, daqueles que se vê a calcinha quando a garota senta, ou cruza as pernas. Deitou com a cabeça na coxa dele e começou a reclamar de alguma coisa. “Você não acha querido?” Carlos começou a fazer uma cafuné nela. “Não se desgaste com isso, o que as pessoas falam não paga suas contas, certo?” Ela olhou para ele com o canto do olho, sem mexer muito a cabeça, e deu um sorrizinho sacana.

Milena veio de Itapetininga para estudar arquitetura numa destas faculdades tradicionais de São Paulo. Estava, dizia, no penúltimo ano e tinha 23 anos. Carlos era gerente em uma rede de concessionárias de carro. Casado há 25 anos, pai de duas filhas. “Acho que se eu fosse uma mulher teria uma vida muito parecida com a sua”, disse ele num tom carinhoso já sentindo a pele macia dos peitos dela na mão. Ela se virou devagar com cara de quem sabe o que tem que fazer, abriu a fivela do cinto dele, depois o zíper, abaixou a cueca e começou a chupar.

Os dois transaram ali mesmo. Milena parecia cansada, e deu o melhor de si para que tudo acabasse o mais rápido possível. Carlos tinha tomado meio daqueles comprimidos azuis,

mesmo assim não resistiu muito tempo aos talentos de um corpo perfeito e jovem. No fim parecia exausto. “Você já jantou? Seria bom comer alguma coisa”, perguntou. “Não estou com muita fome, mas se você quiser podemos pedir uma pizza”, respondeu ela com um pouco de desinteresse. Ela se levantou e foi ao banheiro. Na volta passou pela cozinha e pegou o imã de geladeira de uma pizzaria. “Esta é muito boa”, comentou.

Enquanto Carlos pedia a pizza Milena tirou a televisão do canal de esportes e colocou num seriado. Deitou no sofá para dois e acendeu um cigarro. Ele se serviu de mais um copo de scoot e se encostou no ao seu lado. “Você percebeu que deixei uma contribuição generosa para sua bolsa de estudos?”, falou com um tom de quem vai pedir alguma coisa. “Não era um reconhecimento pelo minha dedicação?”, retrucou ela querendo escutar um sim. “Avisei em casa que ficaria na empresa até tarde. Tomei um comprimidinho, não posso chegar lá assim”, comunicou ele. “Já pedi para me avisar antes quando for fazer isso. Tenho outros clientes. Não sou uma máquina”, repreendeu ela. Carlos tirou mais um envelope do bolso e deixou na mesa. Milena fingiu que não se importava. “Não pode passar das dez e meia”, argumentou ela. Eram 21h30. “Pode ser”, concordou ele.

A pizza chegou. Ele pagou, foi para a cozinha e voltou com dois pratos e uma pedaço em cada um. Sentou na mesa e chamou Milena. “Agora não, depois eu como”. “Está tudo bem com você hoje?”. “Claro que sim querido, não pense besteiras. Comi uma bobeira na rua com umas amigas e estou sem fome agora.” Seu tom não conseguiu disfarçar a desculpa esfarrapada. Ele terminou a fatia de pizza e se sentou no sofá. Carlos fudeu a bunda dela com força, até ela pedir que ele parasse com gemidos que mais pareciam de dor do que de prazer. Milena se virou, terminou o serviço com a boca e saiu engasgando para o banheiro. Quando ele escutou o chuveiro ligar foi até o lavabo, se limpou na pia e saiu sem se despedir. Na mesma hora em que Carlos entrava em sua casa seu chefe, Dr. Márcio, chegava ao apartamento de Milena.

Fatos Cotidianos 10 – Trabalhando em telemarketing

Não suporto mais este lugar. Toda vez que acordo, percebo que o sonho acabou, e lembro deste escritório, estas pessoas, penso em fugir. Sumir do mapa. Pegar tudo que resta no banco e ir para o improvável. Comprar uma passagem para o interior da Bolívia, ou do Peru. Não é tão caro, considerando uma viagem internacional. Preciso só de um pouquinho mais de coragem.

Bem, na falta de tal vou para o trabalho (des)animadamente. Pense em alguém desmotivado, emocionalmente abalado, completamente sem iniciativa com a vida. Conseguiu? Esta longe de retratar meu atual estado mental e físico. É muito pior. Me sinto como uma ameba. Torço para o ônibus atrasar. Que chova e o trânsito pare. Que um carro me atire a dez metros de distância e...

Este prédio fede. Quem fala da beleza dos edifícios da Barão de Itapetininga nunca esteve dentro deles, numa sala comercial de quinze metros quadrados onde trabalham vinte e cinco bastardos. O calor é o menor dos problemas. Meu superior é um incompetente. Nem desconfia de sua capacidade pífia e inferioridade mental. Para se impor humilha todos. Chegamos à conclusão que ele não transpira, ele desidrata.

Se vender filtro por telefone fosse um trabalho digno não haveria tanta gente feia e estranha nesta área, e o salário não seria esta esmola. Há quem diga que isso aqui é uma empresa de telemarketing. Tenho certeza que quem fala isso ainda não conhece este buraco, esta sala suja e úmida. Não viu minha cara de desprezo por esta espelunca.

Tenho uma hora de almoço e meu vale refeição não paga um cachorro quente e um refrigerante vagabundo. Se ficar mais de cinco minutos no banheiro o tempo é descontado no holerite, sem contar que depois da segunda vez no dia começo a pagar integralmente pelas minhas necessidades fisiológicas. Estou definhando. Emagreço a cada dia. Minha cara esta cada vez mais pálida, carrancuda. Meus olhos estão cada vez mais fundos, as olheiras são evidentes.

Todos nós não nos suportamos. É nítido. Nos olhamos através do cubículo que nos une e pensamos um dos outros: “perdedores”. Ficamos todo período de trabalho em silêncio, fingindo que estamos tentando. Passamos o dia nos observando. Analisando a forma que cada um faz o tempo passar. Como se enganam e enganam o resto do mundo. Clamando para ser demitido depois do terceiro mês para ter direito a seguro desemprego.

Ninguém é feliz assim. São ao menos vinte vezes por dia sendo xingado por alguém que não quer saber a importância de se ter um filtro em casa. Porque não é importante! Não é bonito como a família da TV. Seus problemas não estão resolvidos! Quem suporta uma meta de vendas de cinquenta merdas desta por semana? Por que empresas como esta ainda estão funcionando? É por coisas como estas que se perde a fé na vida, a autoconfiança. Minha auto-estima esta em frangalhos. Meu futuro é sombrio. Vou me apegar numa igreja qualquer e que alguém me guie.

Cu-Sujo

Todo mundo vem de algum lugar. Ramon vinha de Varginha, e odiava a tal história do E.T. Todo mundo tem uma coisa que quer esquecer, do tipo que se envergonha. Ramon tinha sido flagrado por três (bons) amigos comendo o cu de um porco. Ele tinha quinze anos, e não foi poupado. Ainda não tinham inventado o Bullying. Os bons tempos dos mais fortes zuando os mais fracos indiscriminadamente. Daquele dia em diante ficou conhecido como o Cu-Sujo. Mateus, Paulinho e Thiago foram os contadores da história e criadores do apelido. Estavam todos num acampamento da escola, e num perdido para fumar um cigarro viram a cena bizonha. Ramon caiu sentado na lama do chiqueiro quando percebeu a presença deles. Então ao levantar apareceu o Cu-Sujo. Tem também o duplo sentido. Seu primeiro impulso foi fugir. Saiu correndo pelo camping e levou a noite inteira para ser encontrado pelos professores. Ele se escondeu num canto do curral abandonado. Isso gerou ainda mais comentários humilhantes sobre ele.

Para Ramon o colegial passou lento e dolorosamente. A todo momento na escola era lembrado do que estava fazendo naquela furtiva noite de verão no acampamento. No começo alguns professores tentaram conter o ímpeto da estupidez juvenil. Puniam de alguma forma qualquer um que se dirigisse a Ramon como Cu-Sujo. Mas não surtia efeito. Ele não reagia. Se entregou. Acabou por se tornar passivo com relação a sua situação. Parecia que ele tinha aceitado sem lutar aquele linchamento moral publico. O rótulo de “o estranho”. Se isolou. Comprimir toda angustia e vergonha dentro do estômago e tentar esquecer. Nunca funcionou. Não era só Ramon que se envergonhava. Pai, mãe, irmã e irmão sempre era lembrados do parentesco Cu-Sujo, que acabou por se tornar o segundo nome de toda família. Seu pai e sua irmã mais velha passaram a rejeitá-lo. Os outros eram indiferentes.

Aos dezoito anos foi recrutado para o quartel. Não conseguiu esconder o passado sujo nem por um dia (cidade pequena é uma droga!). Foi motivo de chacota até pelos generais. A humilhação continuava a lhe perseguir por onde fosse. Mais ou menos neste tempo que aquele sentimento acumulado no fundo do estômago chegou ao seu limite, e começou a querer sair de todas as formas. Independente da força ele apontava em três direções. Toda a zuação, todos os constrangimentos, toda uma vida contraída, era culpa de três pessoas. Não importava quem, sempre que era chamado de Cu-Sujo os mesmos três rostos vinham a sua cabeça.

No exército ele foi muito além da disciplina e obediência. Aprendeu a planejar, a entrar e sair. Aprendeu a “dar o troco”. Aprendeu que para toda ação há uma reação proporcional, e preferencialmente maior. Aguda. Agora o Cu-Sujo tinha vinte anos, um corpo atlético, e o mais importante, sabia matar. Mais do que isso. Não tinha medo de matar. Queria matar. Mateus, Paulinho e Thiago. Como não poderia deixar de ser o sentimento de vingança ia crescendo no estômago de Ramon, até a cabeça.

Com os três amarrados no porta-malas do Rabecão roubado da funerária, Cu-Sujo saiu da cidade no rumo do chiqueiro. A sua espera estava Odélia, o velho porco. O carro entrou no meio do chiqueiro. Ramon desceu, abriu o porta-malas e jogou os três na lama. Eles tinham as mãos e pés amarrados, e uma maçã na boca. Então ele abaixou as calças e começou a fuder o cu de Odélia. Mateus, Paulinho e Thiago estavam estáticos. Não entendiam nada. Ele ria alto e fodia o porco com força. Depois de consumado o ato ele levantou as calças e deu um tiro na cabeça de cada um. O porco, como é de sua natureza, foi comer, literalmente, os mortos. Cu-Sujo tinha seu orgulho restaurado. Voltou para o carro, ligou uma mangueira no cano de descarga e colocou a outra ponta para dentro pelo vidro traseiro. Ligou o rádio e ficou esperando a morte chegar ao som de Gloomy Sunday.

All Star #37

Se andasse armado me mataria ao menos dez vezes por dia. A primeira seria logo ao acordar. Qualquer um que já teve 17 anos sabe o quão difícil é encarar a escola as vezes. Não aguento mais ver a Ana Paula namorando aquele cretino do Toni. Também esta ficando complicado aceitar o fato de que o ano vai acabar e não vou entrar em nenhuma universidade. A idéia de continuar vivendo numa cidadezinha do interior me apavora. Partindo deste ponto, não vale muito mais a pena estudar. Sendo assim dormir mais um pouco e chegar na segunda aula não vai mudar nada. Talvez seja melhor não sofrer com isso hoje.

Fui para a casa do professor Jones. Ele era um senhor que resistia a aposentadoria em nome da literatura. Falava pouco e sempre escutava o que qualquer um tivesse a dizer como se fosse a coisa mais importante do mundo. Perto dele tudo parecia fácil, até viver sendo meio burro. “Você não tinha que estar na sala de aula?” A esposa dele quem atendeu a porta. “Sim, mas hoje queria pensar um pouco.” “O Jotinha vai gostar que você veio. Ele esta tomando café na sala.” A D. Véva fazia uns pãozinhos deliciosos. Sentei ao lado do professor e aceitei quando ele ofereceu um. “Não sei, mas vou sair do colegial sabendo só duas coisas: ler e escrever.”, disse um pouco desanimado. “Que pessimismo. Dá para fazer muita coisa só com isso.”

Queria passar a manhã toda descobrindo o que dava para fazer da vida com minha sabedoria, mas o professor tinha que ler o jornal, e eu escutar música. Já passavam das nove, e a loja de CD's com certeza estaria aberta. Existem milhões de jeitos de conhecer músicas novas, mas o mais legal é conversando com o Dé na Curva de Rio. As vezes parecia que antes mesmo da banda existir ele já havia escutado falar dela. “O rock nunca vai acabar porque ele é uma atitude. Não é só uma

guitarra estridente e cabelo comprido”, o discurso não mudava. Dá para saber que alguém está envelhecendo quando ele começa a repetir sempre as mesmas teorias. “Entendo, mas aí qualquer um pega um violão e sai por aí dizendo que é roqueiro. Não é assim”. Então ele abre a case pessoal dele e tira um Raul Seixas. Toda minha tese vai por água abaixo.

Mesmo matando aula não consigo ficar longe da escola um dia inteiro. Depois de um tempo insistindo que o Raulzito podia ser Rock’n Roll, mas o Fágner jamais, fui para lá encontrar o pessoal saindo da aula. Fiquei escondido na praça no quarteirão de cima para não ser visto pelas minhas irmãs. Percebi que a galera estava vindo quando escutei a risada da Tati. Era uma gargalhada animada, contagiante. Com ela a gente ria de tudo. É mais fácil ser feliz com os amigos por perto. Descemos um pouco a rua e entramos numa construção abandonada para fumar. Saímos de lá e demos de cara com a Ana Paula. O olhar dela de reprovação fazia eu me arrepender de ter nascido. O estômago revirava em angustia e parecia que todas as borboletas estavam morrendo. Me sentia um verdadeiro drogado, um caso perdido. Ela nos cumprimentou só por educação. “E aí?” Queria dizer um monte de coisas, mas não sabia como. “Sou apaixonado por você desde a 6ª série.” “Penso em te dar um beijo todos os dias.” “Casa comigo?” “Nossos filhos vão ser lindos.” Respondi um oi murcho, baixinho. Queria mesmo enfiar uma bala na minha cabeça.

Começou a chover, então parei na locadora. A Fernanda sempre tinha um bom filme para indicar. “Não vou deixar você sair daqui com Entrevista com o Vampiro pela terceira vez neste mês. Leva Vanilla Sky que tem a sua cara”. Quando se frequenta os mesmo lugares por muito tempo as atendentes conhecem você mais do que você mesmo. Os gostos revelam tudo sobre as pessoas. Os sonhos, os medos, os desejos e as vezes até o futuro. Por isso que quando duas pessoas que curtem as mesmas coisas se encontram parece que elas se conhecem a décadas. Acho que é assim que a gente reconhece a garota da nossa vida. Pode-se passar horas junto com ela que em nenhum momento dá vontade de apertar o gatilho para nunca saber o que aconteceu depois.

Quem procura acha

E vinham todos andando em fila. As pessoas abriam passagem pela calçada. E vinham todos com as pesadas caixas de madeira na mão. E ninguém sabia o que tinha dentro delas. Saíam todos de um buraco de esgoto. Eram dezenas de pessoas andando uma atrás da outra, com uma caixa de madeira, tipo estas de carregar verdura, mas do tamanho de umas três empilhadas. Atravessavam toda Av. 9 de Julho, no sentido centro, sem serem incomodados e entravam num prédio espelhado. Depois saíam todos em fila, no sentido bairro, e voltavam para o esgoto. Não tinham nenhuma expressão, eram grandes e usavam todos o mesmo macacão azul. Pareciam com formigas sincronizadas estocando comida no inverno. Já estavam a mais de duas horas passando com as caixas para cá e para lá.

Jocimar olhava toda aquela movimentação com curiosidade, e um pouco de preocupação. Ninguém perguntava nada para eles. Parecia que aquele vai e vem era normal, ou não estava acontecendo. Ele abandonou seu posto na portaria do prédio e foi até o portão. “Ei, amigo. O que está acontecendo?” O carregador de caixas nem olhou para ele. Então ele tentou outro. “Ei, da onde vem estas caixas?” Nenhuma reação. Diante de tamanho descaso ele resolveu encrespar. Voltou para a casinha, pegou o telefone e ligou para a polícia. “Sou porteiro aqui na 9 de Julho e estou observando uma movimentação estranha. Um sem fim de homens saem do esgoto carregando caixas e entram com elas num prédio. Acho que vocês deviam checar isso.” A atendente agradeceu a ligação e disse que iria verificar.

Em menos de um minuto dezenas de Rocans e algumas viaturas apareceram na avenida. Ele foi direto ao portão esperando ver alguma coisa acontecer. O que ele viu foram dezenas de policiais garantindo que os carregadores fizessem seu

trabalho sem serem incomodados. Jocimar estava mais perdido que minhoca no asfalto. As coisas não faziam sentido. Ele abriu o portão e fui ao encontro de um policial. “Senhor? O que esta acontecendo?” “Nada, pode ficar tranquilo que estamos aqui.”, disse o guarda. “Mas o que tem dentro destas caixas?” “É apenas uma mudança, pode voltar ao trabalho.” “Não é estranho tantas pessoas saírem do esgoto carregando caixas que ninguém sabe da onde vem e o que tem dentro?” “Volte ao trabalho ou vou prende-lo por desacato.”

Irritado com a falta de consideração do policial ele entrou na portaria e ligou para o 32. “Bom dia Dra. Marisa. Tem alguma coisa errada acontecendo aqui na calçada. A Dra. podia descer aqui para ver?” A advogada apareceu na frente do prédio e Jocimar contou toda a história. Pessoas saem de esgoto carregando caixas, entram no prédio, voltam para o esgoto, policial que não sabe nada e outras coisas que passavam pela sua cabeça. Num primeiro momento Marisa ficou intrigada. Fez cara de Dra. e foi falar com o policial. Da portaria ele via ela falar muito e respostas curtas. Pouco tempo depois ela voltou com cara de paisagem. “Não se preocupe Jocimar. Não é nada demais. Só uma mudança.” Sem dar chances para perguntas ela subiu, sem também saber o que estava acontecendo.

Depois de mais de cinco horas naquele ciclo das caixas todos sumiram. Carregadores voltaram para o esgoto e policiais para delegacia. Jocimar não conseguia parar de pensar no que tudo aquilo significava. Saiu do seu turno e começou a conversar com os outros porteiros, o pessoal do posto de gasolina, pelas lojas. Alguns nem tinham percebido a movimentação, outros não viam nada de tão anormal em carregadores saírem do esgoto com caixas. O fato é que ninguém se preocupava com o ocorrido no mesmo nível que ele. Certo de que algo de muito errado tinha acontecido ali, e vendo que se não fosse por conta própria jamais saberia, o porteiro resolveu arriscar tudo. Sem pestanejar ele abriu a boca do esgoto e desceu. Nem os carregadores nem Jocimar foram vistos novamente.

“O” de otário

Só quem é professor substituto em escola pública sabe o que isso significa. O quão difícil é sair da cama pela manhã. César estava no seu segundo ano como categoria “O”. Não era um bom ano. Ele não tinha nenhuma aula para chamar de sua. Toda vez enquanto se preparava para sair pensava no porque não voltar para carreira de pedreiro. Hoje um pedreiro não ganha menos que cem mangos por dia para bater massa. Em um dia inteiro, com toda a grade completa de aulas como substituto, ele não ganhava mais que a metade. Então se sentia um otário completo. Se a educação vai salvar o mundo ele não fazia parte deste projeto.

Depois de metrô, baldeação e lotação lotada, lá estava ele na sala dos professores. A cara de pena com que todos olhavam na sua direção tinha o efeito de ganchos de direita no queixo. Pior que estudar numa escola publica é dar aulas nela. D. Ana, a secretária, chamou ele e disse que teria duas aulas para ele como substituto, mas que outras podiam aparecer. Nenhuma delas que envolvesse seus conhecimentos de Português e Literatura. Uma era pela manhã, de física, a outra a tarde, de biologia. Não era o suficiente para ter acordado. Não era o suficiente para pagar o ônibus e o almoço. Não valia a pena.

Eram trinta e cinco vozes falando ao mesmo tempo. César entrou, colocou uma pasta em cima da mesa e disparou à escrever na lousa. Alguns começaram a copiar, outros nem notaram sua presença. Depois de preencher todo espaço possível com texto e gráficos, como sugeria a apostila, ele esperou dez minutos e começou. “Silêncio por favor. Prestem atenção”. O lado direito da sala continuava a ignorar que ele estava ali tentando dar uma aula. Depois de um tempo uma meia dúzia

saiu da classe, e por alguns minutos até foi possível para um professor de português ensinar física.

Passar o dia na sala dos professores era atormentador, deixava o dia amargo. César ficava horas lá, sentado, esperando uma aula cair na sua cabeça. “Alguém podia matar aquele marginal do 6ª B na rua”, dizia uma megera. “Estes vagabundos não podem reclamar, só tem o que merecem”, falava o frustrado. “Nós precisamos da polícia na escola!”, bradava a diretora. Algumas vezes ele saía. Ia até o banheiro e ficava lá sentado, fingindo que estava cagando, fingindo que não estava ali. Nunca adiantou.

Não era exatamente isso que Paulo Freire tinha em mente quando pensava em educação. Depois de sair da faculdade estas coisas não tinham a mesma importância. Importante mesmo era fazer cinquenta minutos passar sem que ninguém matasse ninguém ou quebrasse alguma coisa que tivesse a aurora de “patrimônio público”. Colocado isso qualquer outro resultado era lucro. Foi o que César pensou logo que entrou na 7ª C para dar aula de biologia. Alguém escreveu cheio de estilo no quadro negro: “categoria O de otário!” Sem muitos argumentos ele deixou a frase lá, sentou na sua mesa, e ficou esperando o tempo passar.

Mais ou menos umas cinco da tarde a D. Ana avisou que não haveria mais aulas para aquele dia. César juntou seus papéis numa mochila e saiu. O aperto do coletivo a esta hora é o suficiente para esmagar qualquer vestígio de esperança. Depois de um tempo vivendo assim a palavra futuro vira sinônimo de medo. Não dava para enfrentar a noite e os pensamentos sozinho. Parou no caminho e comprou uma garrafa de pinga. Um pouco depois da metade da garrafa ele desmaiou no sofá sonhando em nunca mais acordar.

Toda felicidade da tristeza

Aguinaldo era um cara estranho. Ele tinha três pernas e dois umbigos. Elas eram paralelas, e a do meio que fazia o apoio para as outras duas darem o passo. Estava em casa muito bem acompanhado de duas garrafas de vinho e meia de rum. Projetava um filme mudo numa parede mofada e ouvia Bach para celebrar a gloriosa noite de sábado. Trim Trim. A campanha interrompeu a paz. Não foi o suficiente para ele se mexer. Trimmmm. “Sei que você está aí. Abre a porta. Tenho fumo e cerveja”, disse Ângela da janela, da onde via uma sombra na sala. “Por favor...” Diante de tal apelo a porta se abriu. “Você entraria sem o fumo e a cerveja.” “Não vamos transar.” “Justifica o fumo e a cerveja.”

Ângela era uma mulher especial. Ela tinha quatro braços, um rabo e três tetas. A terceira ficava no centro, um pouco acima das outras duas. Com três braços ela pegou uma lata, um copo de rum e outro de vinho. O quarto alisava o próprio rabo. “Cuidado com o tapete. Quanto mais molhado mais ele fede.” “Você não limpa este lugar a quanto tempo?” “Não gosto da idéia de ser limpinho. Nunca conheci alguém limpinho que prestasse.” “Você é muito ranzinza.” Ele acendeu o fumo e se voltou para a parede mofada. Ela sentou no sofá do canto. “Precisamos escutar e ver isso?” “Não, você pode sair, mas não vai levar o fumo e a cerveja.” Ela ficou.

Foram dez angustiantes minutos de “Um Cão Andaluz”. A filme acabou mais a música continuou tocando. Ângela largou um dos copos e o rabo e com dois braços começou a bolar um baseado. “Se você trocar esta música e me escutar talvez a gente transe.” Quem precisa de um argumento me-

lhor que este para fazer a vontade de uma garota? “Sobre o que você quer falar?” “Nada.” Os dois fumaram e beberam por um tempo reclamando da vida. “Nos dias de hoje uma pessoa não pode escolher não fazer nada. Tem que produzir, produzir, produzir...”, dizia ela. “Cansei de caras confusos e indecisos. Só quero relaxar. Você sabe do que estou falando né?! Não vou acabar que nem a Deise.” “Claro, entendo.” Para ele as frases não faziam muito sentido.

Um momento para reabastecer os copos de vinho e a maconha fazer efeito. “Andei lendo algumas coisas sobre Freud e Hobsbawm. Se você pensar bem, eles explicam muito sobre nosso tempo”, disse ela. Aguinaldo estava em algum lugar entre o psicótico e o atemporal. “Tem gente que ganha a vida tentando explicar estes caras.” “Os problemas da nossa sociedade estão centrados nas relações sexuais mal estabelecidas e a falta de consciência da história. O que estou tentando dizer é que nossa decadência é fruto das nossas relações sociais estereotipadas. Depois você acaba como a Deise e nem sabe como aconteceu.” “Com certeza.” “É um processo de degradação do indivíduo que começou com o fim do iluminismo francês.” “Absolutamente.”

Depois de fumar e acabar com o que tinha do rum Aguinaldo só pensava em sexo com três tetas, quatro braços e um rabo. Dava para ver a impaciência no seus olhos vidrados nos peitos de Ângela. Ela já não sabia mais o que falar, e seus pensamentos não iam numa direção diferente do dele. Seu rabo balançava para cá e para lá suavemente. Os minutos de silêncio entre os dois foram ficando cada vez mais longos. Ele levantou e deitou no sofá enrolando as pernas entre o rabo dela. Os dois ficaram por ali uns minutos e depois subiram para o quarto. Ângela acordou cedo, arrumou suas coisas, pegou duas latas que ainda estavam na geladeira, uma ponta e foi embora.

Dupla dinâmica e uma noite de sexta

Um vírus e um parasita vinham caminhando madrugada adentro pela Domingos de Moraes. Não tinham mais de quinze mangos juntando os dois bolsos. Não estavam indo para lugar nenhum. Passaram por algo que parecia ser um pequeno prédio comercial e viram uma escada com uma luz vermelha fraca acesa lá em cima. Já haviam perdido tudo que tem para se perder. Aquele parecia ser o único lugar onde seriam aceitos. Subiram para conferir o ambiente.

O inferninho estava organizado no que seria a sala de recepção do dentista. Eram dois sofás grandes e gastos, um em cada parede. No fundo um projeto não concluído de bar com alguns espelhos quebrados. Não tinha ninguém lá além de meia dúzia de prostitutas, dois cafetões e um brutamonte segurança. O brutamonte não tirava o olho deles desde que pisaram no primeiro degrau. Estava tocando a música do Ghost e duas garotas dançavam bem juntinhas. As outras riam alto com os cafetões num canto. Eles sentaram na outra ponta e acenderam dois cigarros.

Por uns dois minutos todo mundo se olhou e não fez nada. As risadas silenciaram, as garotas não estavam mais tão juntinhas assim e a música ruim parecia interminável. Duas se aproximaram deles. “Vamos beber alguma coisa meninos?” O vírus olhou para o parasita que respondeu num tom de superioridade. “Estamos bem assim”. Elas voltaram para o outro canto e agora todos olhavam para os dois isolados.

Então o vírus começou a falar um pouco alto e com muitos gestos. “Viu? É disso que eu estou falando! Você entra num puteiro e logo querem que você beba uma cerveja por dez pila! Eu vim aqui porque quero que uma vagabunda que

pegue no meu saco!” “Fala baixo! O brutamontes ali da porta vai avançar em nós a qualquer momento.” Enquanto o vírus murmurava com medo o brutamontes alternava olhares para um dos cafetões e para os dois como um cão que esperava o grito do dono para atacar. A ordem não veio, e por uns trinta segundos a Celine Dion subiu o tom de tensão para vermelho com o silêncio e as constantes encaradas.

Na outra ponta da sala o cafetão chamou a maior das garotas e cochichou algo em seu ouvido. Ela veio olhando direto para o parasita, se apoiou numa mesa e disparou: “O que vocês querem?” “Gozar. Pode ser do jeito que você achar melhor”, soltou o parasita. “Tudo bem. Chupo os dois por cinquenta de cada um.” Com a negociação iniciada ela se sentou ao lado do parasita, que não perdeu tempo e começou a e pegar nas coxas dela. “Temos dez, e você um belo par de pernas”. “Por isso eu bato uma punheta para cada um e vocês saem daqui sem sequelas.” Ela estava falando sério.

Para o vírus parecia o negócio perfeito: uma punheta e ir embora sem sequelas. Para o parasita havia mais espaço para barganha. “Todos aqui sabemos o que você quer. Diz pro seu chefe que vai dá para os dois por dez.” “Acho que vocês deviam dar o fora daqui.” “Hey, aqui do lado. Eu topo a sua proposta”. O medo do vírus já estava virando tremedeira. A garota se levantou se sentou no meio. Duas mãos, dois caras. Ela era boa naquilo. Em menos de dois minutos estava tudo resolvido. O parasita pagou a conta. Não tenho conhecimento se algum deles foi feliz para sempre.

Fatos Cotidianos 17 – A vida dói

Não sei qual o dia da semana. Não faz diferença desde que a dor de cabeça passe. Nem é motivo suficiente para sair da cama. Será que existe um mundo sem dores? Um lugar onde todo pecado fica impune. Ficar me martirizando pela noite de ontem e os últimos trinta anos, ou pela garota da minha vida que se foi, também não vai me levar a lugar nenhum. Já que sem ela, melhor sozinho que mal acompanhado. Não estou sozinho, ou tenho três braços?

Talvez seja ela que esteja mal acompanhada. Não sou recomendável para convívio em sociedade antes de duas cervejas e uns cigarros. Com estes vermes cavocando o meio do meu lóbulo frontal me torno uma verdadeira ameaça pública. Se eu tivesse três desejo agora pediria coca-cola gelado, cigarro nacional e uma vida nova. Deus? Você está aí? Iria considerar um sim se o Senhor fizesse esta alma penada sumir do meu lado. Não? Senhor? O Senhor não está aí?

“Você está falando sozinho?” Não era para fazer ela falar, era para levar ela embora. “Talvez? O que eu estava falando?” Não reconhecia nem aquela cara, nem aquela voz. Ela virou para o lado. Continuei minha conversa com o Senhor, mas nada acontecia. “Já vou embora. Preciso só de um banheiro.” “Você lê pensamentos ou também tem uma conexão direta com Deus? Primeira porta a direita.” “Leio pensamentos.” Ela se voltou para mim com uma cara de desprezo que me deixou com uma expressão assustada.

Enquanto ela vomitava na privada eu pensava: “Faz café e vai embora, faz café e vai embora...” Ela só leu metade do pensamento, e foi embora sem se despedir. Fiquei deitado sentindo o mundo rodar e alguma coisa cavocar a minha cabe-

ça. Abri a gaveta do criado mudo e peguei uma aspirina, um relaxante muscular e um Plazil.

Era pouco mais de dez horas quando consegui fazer com que todas as minhas energias superassem as dores e fobias e me tirassem da cama. Foi a necessidade de trabalhar que me deu este impulso na verdade. Entrei no carro, levantei a bandeira um e comecei a rodar pela cidade. Passando pela Nove de Julho uma mulher fez sinal para eu parar. Ela entrou, bateu a porta com força e falou: “Quero ir para o mais longe possível”.

Olhei pelo retrovisor e vi que ela estava chorando. Não gosto de ver mulher chorando. Começo a dar tudo que elas pedem. Atravessei a Paulista, desci a Augusta, cruzei a Faria Lima e quando já estávamos perto da Praça Pan Americana falei: “Senhora, já estamos andando a quase um hora. Preciso de um destino.” “Me deixe em qualquer bar pela Lapa.” Parei em um na Barão de Jundiaí. “Você não quer tomar alguma coisa comigo? Não quero ficar sozinha.”

Descemos do táxi e sentamos em uma mesa. “Desculpa minha situação. Acabei de sair do emprego. Não posso mais viver assim. Cansei de ser enrolada. Aquele cretino nunca vai se separar.” Então ela desatou a chorar. Antes dela tomar o primeiro copo eu já estava no segundo. Agora parecia que as dores nunca tinham existido. “Mais eu amo ele”, ela murmurava. “A quanto tempo vocês são amantes?” “Um ano.” Não era tanto tempo para amar alguém tanto assim.

Pedi mais uma cerveja e uma vodka. O humor dela começou a melhorar. “Obrigado por me fazer companhia. Não quero chegar em casa assim e escutar minha mãe falando: “eu avisei, eu sabia...” Depois da terceira cerveja ela já estava sorrindo. “Você é casado? Nunca mais quero ficar com um homem casado.” “Não. Estou tão livre quanto aquele táxi.” Saímos do bar com algumas cervejas e uma garrafa de conhaque. Fomos para minha casa. Não lembro dela ter ido embora. Acordei pela manhã no sofá com todas as dores que um homem é capaz de sentir.

A nobre arte de fazer dinheiro

Para Mariana sair do trabalho era como fugir de uma senzala ou escapar de uma prisão. Mais do que quebrar as correntes, era o mais perto da liberdade que alguém podia chegar. Esta sensação não durava muito tempo, porque em alguns minutos ela estava chegando na faculdade. E de novo aquela dívida com o mundo, que ela não lembrava de ter feito e nem queria pagar. No começo da madrugada, no metrô, o alívio do dever cumprido só era quebrado pelo peso de chegar em casa. Ela sentia como se alguma coisa estivesse a sufocando. Como se as paredes do quarto estivessem se fechando em cima dela, esmagando qualquer sinal de esperança. Quando a paz do sono parecia ser eterna, o despertador jogava aquele fardo de mais um dia nas costas dela. Aquela agonia incessante batia no fundo do estômago e acoava em sua alma. A vida não estava funcionando. Tudo não fazia sentido a muito tempo. Os trinta estavam batendo a porta. Não dava mais para esperar a sorte.

Trilhando um caminho sem volta aquele dia ela não foi para o trabalho, e nem iria para a faculdade. Usando um vestido longo, salto alto, blush, cílios postiços e tudo mais, Mariana entrou pela primeira vez no Casarão. Driblava as cadeiras empilhadas e cintilava pelo salão. Parecendo saber exatamente o que queria ela perguntou para um garoto que estava limpando o bar: “Quero falar com a Madame Valéria.” Ele apontou uma porta atrás do palco. O escritório era exuberante, brilhava veludo em rosa e azul. “Você não tem mais vinte e poucos mas ainda tem lenha para queimar”, disse a senhora com um blazer sentada atrás da mesa. Mariana parecia estar encolhendo. A confiança de Madame Valéria a intimidava. “Funciona assim: mil fica para casa e não me interessa o quanto além disso você vai ganhar. Você cobra por hora. Você ou alguém paga o que você beber e o quarto. Três noites sem clientes e você está fora.” Mariana só balançava a cabeça como quem dizia “entendi”.

Depois da entrevista ela voltou para casa. Focada. Só aquele dia fora da rotina louca da vida já era um indicativo de que tinha escolhido o caminho certo. A ansiedade e uma avalanche de perspectivas estavam estampados no sorriso em seu rosto. Mariana escolheu um vestido simples. Não foi difícil para ela parecer com vinte e poucos anos. Colares, pulseira, anéis, mais maquiagem, e vamos ao trabalho. Ela chegou no Casarão ainda um pouco tímida. Encostou em um canto, pensando que fosse apenas esperar. “Madame Valéria comentou de você. Parece que você tem potencial. Aqui me conhecem por Paula. Prazer.”, disse a mulher se aproximando. “Prazer, sou Mariana.”, ela respondeu. “Nunca use seu nome verdadeiro. Fica mais fácil para algum psicopata te encontrar, ou te reconhecer. Escolha um nome, tipo Melissa. Sexy.” “Pode ser. Faz tempo que você trabalha aqui?” “Tempo o suficiente para saber que você só precisa fazer eles gozarem no menor tempo possível e receber o dinheiro.”

Adentrou o recinto um daqueles tipos porcos. Carregando uns 150kg em banha, parecendo estar desidratando, rindo feito uma hiena. Mariana estava sentada no balcão ouvindo as histórias da nova amiga fingindo não ver Madame Valéria apontando para ela com o grandão do lado. E tudo foi ficando subentendido. Os dois foram se aproximando e Mariana usou de todo seu charme para seduzir o velho babão. Ele pagou uma bebida e depois os dois subiram para o quarto. Sabendo exatamente o que queria e como chegar ela beijou aquele rosto suado, com um gosto amargo e cheirando a traça. Mariana só pensava no conselho de acabar com tudo antes de poder pensar no que estava acontecendo. Primeiro ela desceu e depois subiu em cima dele. Quando sentiu um leve espirro na perna fez cara de que estava gostando. Ela rolou para o lado. Deu um longo beijo nele e foi tomar banho. Tirou dele três mil e voltou para o salão com a pose de uma dama.

As últimas 24h de Vitória

Sempre que Vitória sentava na sua mesa, e colocava aquela tiara com fone de ouvidos e microfone, se sentia um lixo. Trabalhar com telemarketing não era a profissão com qual sonhava para o auge de seus vinte anos. Naqueles primeiros minutos, enquanto esperava o computador logar, pensava que o suicídio não era uma hipótese a ser descartada para um futuro próximo. Naquele dia, em específico, tinha ficado cheirando com uns amigos até uma hora antes de estar ali, sentada naquela cadeira.

Levava no bolso metade de um pino de pó. Pretendia ainda dar mais três tiros durante as seis horas de expediente. Como podia levantar da mesa apenas duas vezes neste período, com direito a dez minutos por saída, o último suspiro ia ser antes de ir para casa. Era muito tempo, e pouca cocaína. Não aguentou esperar o vagaroso relógio andar. Mais de uma hora antes de previsto foi ao banheiro dar o primeiro tiro.

O ar condicionado, programado para 23°C, não era o suficiente para conter o seu suor, frio. Seu corpo também não era mais capaz de conter a angustia e desespero que tentavam se emancipar. Dava para ver nos seus olhos fundos e vidrados. Estava estampado na sua cara pálida, com lábios roxos e nariz vermelho. Indisfarçável na sua mão tremula. Digno de pena sua expressão de cansada. A podridão era perceptível em sua voz, baixa e rouca.

Nove horas. Uma hora depois de que chegou, já não conseguia mais atender aos telefonemas. A respiração ofegante e a fala engasgada impediam qualquer um de entender suas palavras. Foram longos e angustiantes trinta minutos inoperantes, até que foi chamada por seu supervisor.

“É notável o seu mal estar. Pegue suas coisas, um atestado num posto de saúde, e vá para casa”, falou ele num tom frio e cético.

“Vou para casa, mas não vou passar num posto de saúde”, ela respondeu, tentando, sem sucesso, parecer segura.

“Assim vou ter que descontar este dia. Vou considerar como falta”, retrucou ele.

“Então deixe-me voltar e fritar na minha mesa!” Vitória começava a ficar nervosa.

“Você não esta se ajudando”, disse ele num tom de alerta.

“Nem você!”, retrucou ela, de bate pronto.

Então fez-se um silêncio um tanto quanto constrangedor, mais para ela.

“Veja Vitória, nós sabemos porque você esta assim. Se você não quiser se ajudar não vou deixar isso atrapalhar a empresa”, voltou a falar ele, num tom sério.

“O que você quer dizer? Fala! Não fica fazendo joguinhos. Você esta me ameaçando? Você não pode provar nada! Você esta me ofendendo! Vou embora deste lixo de lugar!”, respondeu ela não disfarçando o temperamento descontrolado. Bateu a porta e saiu pisando firme no rumo do elevador.

Enquanto andava na direção do ponto de ônibus lembrou dos tempos em que saía da escola e ia direto para casa de Mariana. Elas ficavam no quarto fazendo planos e mais planos com todos os garotos do colégio e os bonitões da televisão. Mari estava no terceiro ano de letras, fazendo estágio. Vitória nunca tinha tentado começar nada, nem um curso técnico. Maria, uma outra amiga delas, tinha conseguido um trabalho como secretária porque sabia falar inglês. Vitória ainda não sabia o que queria da vida. Neste momento a frustração consigo mesma só podia ser amenizada por um último tiro, que ela carregava no bolso.

Entrou no ônibus e foi sentar no último banco. Tirou

o espelho para maquiagem e sem cerimônia mandou o último suspiro. Seus dentes estavam cerrador. “Mordendo o calcanhar”. Suas pernas mexiam freneticamente em movimentos repetitivos. Roía as unhas. O calor castigava sua pressão. Sentia as veias do pescoço pulsarem. Alguns fios de cabelos se agarravam em seu toso e testa suados. Tinha uma aparência degradante.

Chegou em casa já eram quase onze da manhã. Seu pai e sua mãe estavam trabalhando. O irmão mais novo na escola. Ela tomou um banho e começou a se sentir melhor. Tentou comer alguma coisa, mas seu estomago não se apetecia com nada. Depois de dar uns pegas num baseado conseguiu dormir, pouco antes da uma hora. No limiar entre o sono e a vida, com a cabeça já confortada no travesseiro, seu último pensamento foi: “O inferno são os outros!”

Cotidiano porção única

Conheci este cara hoje de manhã depois do que podia ser chamado de porre do século. Não lembrava de absolutamente nada. Acordei perdido num hotel barato onde só tinha louco, e ele estava no quarto do lado. Tinha uma coisa estranha com um Blower Brush. Ele gostava de ver o vento espirrar a poeira pelo ar, dançando pelos raios de luz que passavam pela janela. Ficava olhando para o móvel empoeirado, segurando aquela coisa com as duas mãos, como um atirador de elite mirando o alvo, aí começa a apertar aquilo compulsivamente com os dois polegares. Depois começava a tentar pegar a poeira freneticamente para ver como os ácaros giravam no vento. Até ele conseguia entender o quão estranho aquilo era. Ele olhou para mim e falou: “A Camila já foi embora. Você também tem que ir.” Com certeza eu tinha que ir. Ainda não vi a Camila, mas sei que se eu ver vou pensar: “já devia ter ido.” Porque minha cabeça estava doendo o suficiente para eu saber que não queria lembrar da noite passada. Porque lembranças são coisas que podem te atormentar uma vida inteira se você não conseguir se livrar delas.

Agora ele está na minha porta cheio de tiques querendo saber onde ela se meteu. “Vamos, me diz se ela chegou? Ela está aqui? Cadê ela?” A sala era um parque de diversões para ele, que andava por todo lado apertando aquele treco desenfreadamente. Quanto mais eu falava não sei, com mais vontade ele apertava. Disse que a porta estava destrancada, e ele podia sair quando quisesse. Fui para cozinha e tentei esquecer o que estava acontecendo na sala. Preparei umas torradas e um café e a campainha tocou de novo. O Blower abriu a porta e provou que tinha alguma utilidade. Então uma garota estranha, se retorcendo toda, alisando os próprios braços e olhando para baixo com cara de quem tinha acabado de chegar no paraíso parou na minha frente e disse “Oooooi...”. Minha primeira reação foi

prender a respiração buscando o auto-sufocamento. Maldito instinto de sobrevivência! Se existe a hora perfeita para ter um ataque cardíaco, era essa. Foi uma pontada no peito? Infelizmente não desta vez. Ela sentou na mesa, e não sei porque servi ela com o prato e a xícara da esperança de curar a minha ressaca. “Qual o seu nome?” “Camila.”

Estava quase convencido de que nunca mais deveria beber na vida quando a campainha tocou mais uma vez. Senti um frio na barriga e minha cabeça girou. Ia acontecer um congresso de lunáticos na minha casa e esqueceram de me avisar? Será que alguém pode me dar uma morte rápida e indolor? O Blower mais uma vez agiu como mordomo e uma senhora, com um óculos bonito e uma pasta na mão entrou como se estivesse em casa. “Bom dia Baiacu. Você não lembra de mim, mas já sou sua psiquiatra há tempo suficiente para não dar a mínima para isso. Leia o papel.” Ela tirou da pasta uma folha sulfite com letras grandes. Minhas letras. “A Paula é legal.” Levantei a cabeça lentamente e olhei para ela. Ela tomou a folha da minha mão e guardou. “Viu? Eu sou a Paula. Também quero torradas e café.” Um sniper! Quero que um sniper coloque uma bala no meio da minha testa. Agora! Agora! Por favor Senhor! Estou plenamente satisfeito com minhas angústias e medos. Gosto de ser paranóico e ficar sozinho. Estou sob controle. Obrigado. Sumam todos daqui!

Voltei para o fogão e comecei a cortar mais uns pães velhos. Estava difícil ter uma reação. Pensei que com sorte eles podiam comer e ir embora. Isso ou deixava eles conversando na sala e ia dormir torcendo para acordar em outra dimensão. Coloquei azeite, orégano e meu cérebro na frigideira. O Blower também sentou na mesa e quando vi parecíamos uma família reunida para a refeição do domingo de manhã. Só não estávamos tão felizes quanto na propaganda da TV e nem devia ser domingo. E também não tinha um cachorro. A psiquiatra parou de ler o catálogo da Avon e começou a falar. “Aquela é a Camila, sua namorada. Ela é uma verdadeira colecionadora de síndromes escandinavas e alemãs. E o Tom Sawyer tem tantos transtornos que não vale a pena enumerar. Ele é amigo dela e você não gosta muito dele porque ele tem uma paixão platônica

por ela. Atualmente meu diagnóstico para você é de síndrome de Korsakoff. Mas você já passou pela encefalopatia de Wernicke, fazendo um caminho clássico da literatura médica. No que se refere a transtornos, o mais latente no momento é o de Passividade Mental.” Ela só podia estar certa, se tivesse o mínimo de atitude já tinha mandado todos a merda.

Porque eu não sabia o que falar, eu não falava. Porque as vezes o silêncio é uma forma de falar alguma coisa que não se consegue dizer. A Dona segurava a xícara numa mão enquanto lia a revista, o transtornado espirrava migalha de pão pela mesa inteira e a estranha ficava me olhando e girando a cabeça. Aquilo não tinha a menor explicação ou sentido. Depois de uns quinze minutos de silêncio perguntei se alguém queria comer mais. Ninguém respondeu e entendi como um não. Tirei a mesa, acendi um cigarro, liguei a televisão e sentei no sofá. Todos vieram para a sala e se sentaram também. Dei uma talagada de conhaque e deixei a garrafa em cima da mesa de centro. Ninguém bebeu. Quando acabou o programa para senhoras do lar que não tem mais nada para fazer a psiquiatra juntou suas tralhas e se levantou. “Tivemos uma ótima seção hoje. Nos vemos novamente daqui uma semana. Tomem seus remédios. O seu está na gaveta do quarto Baiacu. Não se matem, se não eles reduzem meu salário e toda esta vida feliz vai por água abaixo.” Aproveitei a deixa e parti para o plano B. “Também estou um pouco cansado e vou dormir.” Dei outra talagada no conhaque e fui para o quarto. Os remédios estavam na gaveta. Antes de deitar escrevi no meu braço com uma caneta:

a) confie na Paula, trepe com a Camila e abra a porta para o Blower.

b) fuja para bem longe.

c) se mate assim que tiver coragem.

O elefante, o armário e a mulher do padre

A rua Ubaldo Otomano Leite ficava em um bairro legal, bonito. As casas eram novas, tinham portão automático, ostentavam jardins floridos, cores vivas. Todos os vizinhos se conheciam e se ajudavam. Nos finais de semana as crianças andavam de bicicleta e as famílias se encontravam na calçada para falar de quem não estava ali. Quem sempre estava lá, sentado na sua cadeira de fio, fumando seu cigarro e bebendo sua cerveja, era o Seu Vitor. Engenheiro aposentado, era casado com a Dona Clô, que ainda trabalhava como professora.

Quando Seu Vitor era só Vitinho, correndo pela rua ou sofrendo Bullying porque usava uma mochila do Ursinho Puff, toda hora escutava alguém falar “quem chegar por último é a mulher do padre”. Um fim de tarde, depois de perder duas vezes na corrida para seu primo e um amigo dele, ele descobriu no vestiário da escola o que significava ser a mulher do padre. Depois ele descobriu porque nunca ninguém sabia quem era a mulher do padre. Porque ser a mulher do padre significava que o padre fazia coisas com você que você não pode contar para ninguém. Porque o padre tinha vergonha da mulher, e a mulher do padre.

Sempre que Dona Clô estava em casa, Seu Vitor estava na frente do portão fumando seu cigarro e bebendo sua cerveja. Algumas vezes ela se sentava ao seu lado, sempre com um copo de água, e os dois ficavam ali algum tempo olhando o movimento. Somente um observador muito atento, e sem mais nada para fazer ou pensar, perceberia que assim que Dona Clô saía para trabalhar, Seu Vitor recolhia suas coisas e voltava para dentro de casa. A professora passava a tarde inteira na escola dando aula, e neste tempo o velho Senhor recebia a visita

de um ou dois rapazes diferentes, que nunca ficavam mais que meia hora.

Um desses rapazes começou a frequentar a casa de Seu Vitor, porque tinha sido aluno de Dona Clô, que ajudava ele com a matemática. Com ou sem Dona Clô, Ricardo sempre estava lá. A conta mulher + padre + perdedor somava um total que deixava Seu Vitor bem perto da loucura. Porque se alguém soubesse sobre o que aconteceu na escola com o Vitinho, que ele era a mulher do padre, Seu Vitor ia ter que viver num apartamento sujo no Largo do Arouche com prostitutas, travestis e viciados. Porque Seu Vitor sabia que uma linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos, ele sabia que tinha que cortar a linha solta.

Naquele dia as coisas pareciam que iam acontecer como na maior parte das tardes. Dona Clô saiu para dar aula, Seu Vitor colocou a cadeira para dentro e Ricardo chegou menos de vinte minutos depois. Quando ele pisou com os dois pés no meio do plástico preto esticado na sala levou um tiro pelas costas. Assim que caiu Seu Vitor se aproximou e lhe acertou a cabeça. Enrolou o corpo no saco e enterrou no jardim dos fundos, perto da churrasqueira que tinha construído alguns anos antes. Pegou areia, cimento e tijolos e começou a construir uma pequena capela no mesmo lugar, onde algum tempo depois batizou seu primeiro neto.

Felicidade para cretinos e desesperados esquecidos por Deus

Seu Antenor havia mudado para o prédio fazia menos de duas semanas. Os longos anos a frente da seção de compras da prefeitura eram passado, e agora suas responsabilidades não iam além de regar algumas plantas pela manhã. Era um simpático e jovial Senhor querendo curtir a vida. Já era amigo do zelador, conhecia o pequeno Pedro, que atazanava todo o condomínio, e morava no mesmo andar que Paula, uma jovem encantadora que passava um pouco dos vinte, e sua mãe, Fernanda, uma vistosa viúva que parecia não ter mais que quarenta e poucos anos. Só como distração, começou a reparar nos horários das duas. Saíam sempre juntas pela manhã, entre dez para as oito e oito horas. Enquanto elas esperavam o elevador, ele escutava atrás da porta.

Este ritual se repetiu por algumas semanas. Levantar e esperar as duas saírem de casa. “...almoçar no centro?” Fernanda abriu a porta já falando alguma coisa. “Não sei, tenho que visitar um ambiente do outro lado da cidade. Vamos nos falando.” “Esta valendo a pena toda esta maratona? Você já pensou...”, o elevador chegou e acabou com o melhor momento do dia. Juntando o que tinha descoberto em conversas aqui e acolá com os porteiros, mais os poucos segundos que ele podia escutar todas as manhãs, sabia que ela estudava arquitetura numa faculdade particular, era estagiária numa grande empresa e tinha um namorado estranho, que falava pouco e tinha cara de pizza amassada. A Senhora de classe era advogada sócia de um escritório de direito trabalhista, que defendia os patrões, e tinha perdido o marido a pouco mais de dois anos. Pelo que se

comentava nunca tinha estado com outro homem durante este tempo todo.

Aos poucos ele passou a nutrir uma obsessão pela vida de mãe e filha. Numa manhã furtiva Seu Antenor estava parado atrás da porta, ansioso para escutar aquelas doces vozes. Foi Paula que saiu falando: "...não sei se tenho futuro com ele. As vezes parece que ele não me vê. Outro dia fomos a um jantar com os pais dele e ele...". Mais uma vez o algoz elevador deixava aquela angustia melancólica silenciosa no corredor. Ele queria saber. O que estava acontecendo? O que aquele infeliz fez para deixar ela com tantas dúvidas? Naquela tarde foi na floricultura, comprou um vaso grande com um Ficus bonito, e colocou na frente de sua porta. Na manhã seguinte estava lá, com um regador numa mão e a outra na maçaneta, vestindo uma camiseta branca, um shorts azul e chinelo. Quando a chave da vizinha da frente destrancou a fechadura ele abriu a sua porta, e como quem não quer nada foi regar a planta nova. "Bom dia!", ele falou animado, sorrindo, mas sem demonstrar muita atenção. "Bom dia!", as duas responderam juntas, mas a voz um pouco mais experiente de Fernanda se destacou, e ela continuou. "Reparei no Ficus a hora que cheguei ontem. Deu um ar mais puro para o corredor, não é Paula? Ela é arquiteta." "É sim, está cheio, bem verde, complementa o ambiente." Pim! O elevador chegou, e Seu Antenor pensou que aquela máquina podia enguiçar e não abrir, mas isso não aconteceu. "Muito obrigado. Tenham um bom dia." E ele voltou para dentro completamente louco e alucinado com aqueles instantes mágicos.

O dia estava demorando para passar. Queria saber o que mais elas tinham comentado sobre o Ficus, qual a primeira impressão tinham tido dele? Desceu na portaria e começou a cercar todos, seguranças, porteiros, faxineiras, alguém que pudessem ter escutado alguma coisa quando elas saíram do elevador. Nivaldo, que estava tirando o lixo da garagem, deixou escapar que as duas passaram por ele alegres, e que a filha falava algu-

ma coisa sobre não ser certo a mãe ficar tanto tempo sozinha. Seu Antenor se encheu de esperança. Agora tudo que queria era outra chance de encontrar com as duas. Não ia conseguir esperar a outra manhã. Também precisava de mais tempo, aqueles poucos segundos no corredor não eram mais o suficiente. Não podia arriscar um desencontro, e tinha que ser tão casual quanto pudesse parecer. Então pouco antes do fim da tarde, umas 16h, ele se apurou com seu melhor terno, desceu para o estacionamento e ficou sentado no banco do motorista de seu carro, atento a qualquer movimento. Sempre que o portão da garagem se abria sentia aquela emoção adolescente e todas as borboletas voando no estômago. Já eram quase 20h quando o sedam prata de Fernanda entrou. Ele fingiu que também estava chegando e os três se encontraram na porta do elevador. “Boa noite! Como este dia foi longo, não?”, mesmo para reclamar Seu Antenor tentava manter o clima descontraído. “Bom noite! Muito longo! Tão maçante e entediante como os filmes do Woody Allen.”, comentou Fernanda com uma leve risada. “Então você preferiria que tivesse sido uma loucura a la Tarantino?”, ele respondeu, e todos riram. O elevador chegou, eles entraram e começaram a subir. “Com certeza não queria ter uma vida a la Tarantino, mas não ia reclamar de um concurso de dança de vez em quando.” “Para isso precisa de um par, né mãe!” “Paula!?” As duas riram, e Seu Antenor ficou sem saber muito o que fazer. Chegaram no sexto andar e quando se despediam ele tirou coragem não se sabe da onde. “Vocês já jantaram? Seria pretensioso da minha parte convidar vocês para comer uma pizza comigo aqui em casa hoje?” “Claro que não! Aceitamos! Vamos só deixar as coisas em casa e já batemos na sua porta!” Paula respondeu de bate pronto, enquanto Fernanda e Seu Antenor admiravam um o outro sem saber como reagir.

Seu Antenor estava descontrolado a hora que entrou em seu apartamento. Tirou os papéis de cima da mesa e jogou tudo numa gaveta. Escondeu os cinzeiros e a louça suja dentro

da máquina de lavar roupas. Baixou a tampa do banheiro e borrifou quase um vidro de perfume no ar. Tirou o terno e vestiu calça jeans, camisa de flanela e tênis. Pegou um vinho que tinha guardado para visitas especiais e deixou de prontidão. Sentou e ficou esperando de pé olhando para a porta. Primeiro em silêncio, mas começou a se sentir nervoso e ligou o rádio numa estação que tocava músicas dos anos 80. Estava tudo muito claro na sua cabeça. Tinham nascido um para o outro com certeza. A garota era a filha que ele nunca teve e que tanto sonhou. Os sinais gritavam tão alto que ele mal podia esperar pelo momento certo. A campainha tocou, e era como se o chão tivesse simplesmente desaparecido de debaixo de seus pés. As duas entraram e sentaram no sofá. Enquanto elas pediam a pizza ele abria o vinho. Falaram sobre a rotina do condomínio, de como a mulher do 21 era fofueira, o barulho do 44 que todo o quarteirão podia ouvir, e de como a vida pode ser curta se não se sabe aproveitar o melhor dela. O telefone de Paula desatou a apitar, e ela foi atender o namorado no seu apartamento. Estavam os dois a sós, com o vinho já quase no fim, quando os olhares se cruzaram durante aquele instante de silêncio que sussurra “sim” baixinho no ouvido. Fernanda se encolheu no sofá e alisou o cabelo como que pedindo um carinho. Ele não exitou. Se aproximou dela, pegou sua mão e abriu seu coração. Contou que a mais de mês observava mãe e filha, e que vivia de imaginar como seria a vida com elas e que não suportava mais conviver com aquela sensação apertando o peito. A jovem Senhora se afastou, um tanto quanto assustada. Ela não estava pensando em mais que um beijo, por enquanto. Não esperava por aquela revelação. Sem falar uma palavra se quer Fernanda levantou e saiu do apartamento sem olhar para trás. Seu Antenor acendeu um cigarro, terminou sua taça de vinho, o que restava da dela, abriu a porta da sacada, e se jogou do sexto andar.

Crise psicológica permanente

Quando se tem vinte e poucos anos ver o sol nascer, bêbado e chapado na rua em plena segunda-feira, significa: “eu sou feliz e você não.” Porque o mundo inteiro pode ser dividido em dois: aqueles que são felizes e demonstram isso e aqueles que são rancorosos e enchem o saco. E o Pancada não parava de falar. “Você já imaginou o que ia ser da Gillette se todos os homens do mundo decidissem: nunca mais vamos fazer a barba! Ainda iam ter as mulheres. Verdade. Com certeza iam ter as mulheres.” A mesalina transforma meu cérebro num labirinto, aí fico dando voltas e voltas e mais voltas sem sair do lugar. Tenho medo que o garçom venha me perguntar alguma coisa. Tenho medo que alguém faça algum tipo de contato. “Mas elas usam outras técnicas. Gillette não deixa a perna lisinha.” Isso tudo vai terminar em lugar nenhum.

As vezes parece que meu estômago vai implodir. Estou prestes a começar a me contrair como o Joe Cocker no Woodstock. Igual um rato agonizando depois de comer chumbinho com queijo. Não consigo olhar para ninguém, mas eles tem outras preocupações. A Eliza e o Pedrada estão se pegando com as pernas embaixo da mesa. Não vejo o Demente já faz um tempo e o Pancada continua achando que está falando comigo. “O mundo não precisa de sacolas de plástico. Você já reparou que te dão cada vez mais disso no supermercado? Tem alguma coisa errada com isso. Junto milhares delas e faço uma fogueira nos fundos de casa. Assim todo planeta vai ter que compartilhar esta merda comigo.” Porque o mundo pode ser separado entre os que se importam e fazem alguma coisa e os que se importam e não fazem nada. Os parasitas. Estão me consumindo por dentro.

Todos aqui são escolhidos e especiais. Estão todos aqui vivendo o sonho. Cheios de histórias legais e engraçadas para

contar. Vidas emocionantes que justificam todo orgulho que os pais tem dos filhos. Que no fim eles nem conhecem. Chegou a Perfeita com o Vítor. Eles fingem que não me vêem e eu finjo que não existo. Na mesa do lado estão falando sobre vegetarianismo, e o Pancada continua achando que estou escutando. “Comer folha é um claro sinal de inferioridade. Éguas comem folhas, jumentos comem folhas, vacas comem folhas, hienas comem folhas. Apenas substantivos depreciativos comem folhas. Malditos ruminantes!” Quem cresceu vendo a Carla Perez dizer “i de escola” na televisão não deve ser muito mais que isso. Divido o mundo entre eu e o resto. E o resto não tem a menor idéia de quanto eu quero sumir.

O Senhor, com toda sua sabedoria, me fez assim, alcoólatra e viciado, o que ele faria comigo se eu o contrariasse? Foi Ele quem me deu o diploma de direito. Foi Ele quem me deu meu escritório num prédio de vidro. Foi Ele que acabou com todas as minhas esperanças. Devia ter cheirado o mesmo que o Pancada. Talvez ele saiba que não estou dando a mínima, talvez não. Não me lembro bem como chegamos a este ponto. Agora que perdi o fio da meada não sei como voltar. “Entende o que quero dizer. Se não houvesse violência ninguém ia precisar de banco ou cartão de crédito. Não ia precisar nem ter polícia. Por isso eles tem que manter alguns ladrões na rua. Para equilibrar o sistema.” Sobraram só dois grupos, aqueles que estão dentro e os que estão fora e querem entrar desesperadamente.

Agora estava todo mundo sentado na mesa. A Eliza e o Pedrada, a Perfeita com o Vítor, o Pancada, o Demente e eu. Não mudava muita coisa para mim, mas para o Pancada era uma platéia pronta para debater sobre tudo que não importa. “Você sabe quanto os supermercados e bancos ganham com os centavos que eles embolsam dos trocos? E ainda descontam do caixa qualquer diferença!” Isso me lembra a mocinha bonita do caixa do mercado esta na sua casa dormindo esta hora, que me faz pensar que ela deve ter um namorado, projetos, sentimentos. Que me lembra que nunca vou ter mulher, filhos e família. Que esfrega na minha cara que sou um fracassado. Vamos embora, finalmente, não sei para onde.

Fatos Cotidianos 5 – Promiscuidades

Sexo é a melhor moeda de troca do mundo. Tudo gira em torno de uma boa trepada. Se você transa com sua chefe uma vez, vira o queridinho. Se o ato se consuma novamente, recebe um aumento. E se acontece com frequência, tipo duas vezes por semana, lindo! Você vai ser promovido.

Adauto descobriu isso cedo, com 14 anos comia a diretora da escola para passar de ano. Garoto franzino, poucos pelos, moreno, olhar inocente e uma piroca de respeito. Mas ele tinha uma especialidade, ele traçava uma bundinha como ninguém. Seus vinte e poucos por seis e alguma coisa faziam a festa da mulherada da Jaquituva.

Seu maior problema eram os cornos. Com 18 anos tinha tal fama entre as mulheres da cidade que metade dos homens queria matá-lo. Com medo de perder o seu maior patrimônio, literalmente, ele se mudou para cidade grande. Começou a trabalhar como cobrador de ônibus, em uma linha que ligava o subúrbio a um bairro nobre. Resultado: virou o terror das empregadas domésticas.

Sua reputação era tão conhecida que todas esperavam seu ônibus para ir ao trabalho. Era uma disputa a tapa para ver quem ia ficar do lado de Adauto na catraca. Elas ficavam alisando o seu “documento” a viagem inteira. Às vezes se revezavam, Adauto não gostava de brigas por causa dele, então bradava: “calma que tem pra todo mundo!”. Ao lado do ponto final tinha um boteco, e ele sempre escolhia uma para acompanhá-lo ao banheiro. Eram três, quatro, às vezes cinco por dia.

Depois de algum tempo ele recebeu uma proposta inusitada. Um de seus gadinhos tinha falado dele para sua patroa,

que havia se interessado muito pelo assunto. Helena era casada com um executivo, que quando muito dava uma no domingo depois do jogo. Seu desempenho variava de acordo com o resultado da partida. Vendo sua empregada chegar feliz da vida todo dia às sete da manhã, depois de duas horas de trânsito e aperto, para lavar o chão e a cueca borrada do futuro corno, quis saber de onde vinha tanta empolgação. Assim descobriu Adauto.

Então na manhã de uma quarta-feira ele bateu no apartamento 34 do edifício Morada do Prazer. A empregadinha abriu a porta e pediu que ele esperasse na cozinha. Já com vinte e poucos anos, e conhecedor de seus dotes, ele já sabia do que se tratava. Depois de tirar uma casquinha de Adauto (ela estava com medo de perder ele para a patroa, então mostrou para ele que era a melhor boca do pedaço) ela o conduziu para o quarto de Helena, que o esperava com uma camisola transparente de cetim, impaciente na cama.

Apesar de seus quarenta anos, Helena tinha tudo em cima, e um apetite impressionante. Seus seios eram fartos, tinha uma grande boca, um olhar sacana e sua bunda era digna de uma garotinha com a metade de sua idade. Sua bucetinha era algo surreal. Suas cochas eram bem torneadas, e não encostavam uma na outra quando ela estava de pé. No vão livre que se formava ficavam aqueles grandes lábios carnudos, que tinham a aspereza desejada por qualquer homem. Seu volume era de encher a mão, seus pelinhos ralos acariciavam o rosto. Seus músculos vaginais se contraíam com uma força surpreendente. Era a mulher de 40 que todo marido queria ter, menos o velho e gordo Diego.

A primeira impressão que teve de Adauto foi de que ele era um cara normal, como qualquer outro. Não viu nada que a atraísse. Se cruzasse com ele na rua muito provavelmente ela desviaria. Meio perdido com a situação, ele ficou parado e esperou. Ela levantou e caminhou vagarosamente, fazendo

caras e bocas, em sua direção. Ela foi chegando perto, deu uma volta por ele e falou quase dentro de sua orelha: “vamos ao que interessa”. Então o abraçou por trás e agarrou sua piroca, que já estava latejando.

Adauto a puxou, comprimiu-a contra seu corpo e deu-lhe um beijo, já alisando tudo que conseguia. No fundo sabia que esta era sua grande chance de se dar bem. Ela arrancou a roupa dele rapidamente, jogou-a na cama, e quando ele ia começar ela parou e se levantou. Adauto não dizia uma só palavra, só observava. Ela foi até a janela, a abriu, e se apoiou nela. O prédio dava de frente para uma rua, com diversos outros edifícios. Um número irrestrito de pessoas podia ver aquela janela. Ela arrebitou a bundinha, virou para Adauto e com um olhar deu a ordem. Ele chegou por trás, e bem devagarzinho foi lhe mostrando o motivo de sua fama.

Ela gemia procurando alguém que os observasse. Um garoto do quarto andar do prédio do outro lado da rua olhava tudo atentamente. Ela fazia caras e bocas para ele. Em poucos minutos pelo menos dez janelas estavam vidradas no 34 da Morada do Prazer. Um mais tarado tirou o pau pra fora e bateu uma punheta olhando a cena. Acidentalmente algo respingou no velho senhor que estava dois andares a baixo. Ele estava tão hipnotizado e nem notou. Voltaram para a cama, onde ela fez o que quis com Adauto. Em cima, em baixo, de lado, com a boca, com a mão, com os peitos, até deixá-lo exausto.

Pararam pouco antes do meio dia, perto do horário da pequena Carla chegar da escola. Ela falou que queria Adauto a todo momento, mas jamais largaria a boa vida por causa dele. Nem ele a queria sem a boa vida dela. O apartamento não tinha jardim, então ele não podia ser jardineiro, não tinha piscina, então ele não podia ser o limpador. Foi então que a grande idéia surgiu, ele seria o cozinheiro. E, permitam-me o trocadilho, ele era um excelente cuzinheiro.

Assim ele foi contratado por ela para trabalhar de do-

mingo a domingo. Mas Adauto mal sabia fazer ovos fritos. A solução era comprar comida em um bom restaurante da cidade e dar os méritos para o novo empregado da casa. Em questão de poucos dias, quase horas, a fama da janela se espalhou. O bairro todo esperava ansiosamente pelo momento em que ela se abrisse.

No meio disso tudo estava o corno, que em seis meses não tinha nem sequer sonhado com o que se passava. Pelo contrário, não se cansava de elogiar os pratos do novo chef da casa. Organiza almoços no domingo e apresentava com orgulho seu empregado para seus colegas de trabalho. Enquanto isso Helena apresentava Adauto como o homem perfeito para todas as esposas dos amigos gordos e fedidos de seu marido. Assim ele começou a subir a “escada corporativa”.

Às vezes ela emprestava Adauto para uma amiga, para outra, as chamava para um chá com Adauto pela manhã. Em um tempo recorde ele tinha uma legião de fãs e a diretoria de uma multinacional inteira, do mais simples acionista ao presidente da empresa, era formada por cornos mansos. A coisa começou a ficar muito descarada, as mulheres se revezavam na janela. Então uma de suas amigas resolveu tomar uma atitude. Juntas abriram um restaurante para Adauto. Contratarem o cozinheiro do restaurante da onde vinham as maravilhas que ele preparava e no fundo da casa construíram um suíte, apelidada por elas de Cozinha. Lá passavam o dia. Café, almoço e janta. Nunca ninguém desconfiou de nada, e hoje o restaurante é aclamado como um dos melhores da cidade. Os empresários cornos são os donos, e como lucram com tudo, vivem rindo nas grandes mesas regadas a muito vinho. Eles chegam em casa e muito raramente raspam o tacho do que Adauto deixou, suas mulheres não reclamam de mais nada e, acreditam eles, trabalham para manter o restaurante sempre cheio.

Dias de glória

[7:30] – Acordar e querer continuar dormindo.

[7:35] – Aceitar a existência, levantar para higiene pessoal.

[7:45] – Estar no segundo lance de escada do prédio correndo.

[7:58] – Pegar ônibus que passa a três quarteirões de casa, já lotado.

[8:37] – Trocar de ônibus, este esturricado.

[9:32] – Chegar na editora e bater o ponto dois minutos atrasado.

[9:33] – Falar “bom dia” sorrindo para todos até chegar o computador.

[9:34] – Ligar o computador e ler documentos deixados em cima da mesa pelo chefe.

[9:35] – Tomar café reclamando da vida com os companheiros de batente.

[9:50] – Atender meu chefe e dizer que tomei conhecimento dos documentos.

[9:51] – Checar e-mails e não responder metade dos que deveria.

[10:10] – Começar a atualizar no sistema os documentos deixados na mesa.

[10:45] – Parar tudo para ler notícias de esporte e discutir futebol com o cara da mesa do lado.

[11:30] – Voltar a atualizar documentos no sistema.

[11:45] – Atender o chefe e falar que os prazos são curtos, o sistema esta lento, e não vai dar para cumprir o cronograma.

[11:47] – Ir ao banheiro se masturbar.

- [12:00] – Sair para o almoço rigorosamente no horário.
- [12:07] – Pedir um comercial farto para ser dividido em dois num boteco sujo.
- [12:20] – Reclamar na demora do pedido.
- [12:22] – Comer na maior velocidade possível.
- [12:33] – Fila do banco para pagar contas no caixa automático.
- [12:57] – Fumar um cigarro enquanto anda a passos rápidos de volta para o trabalho.
- [13:02] – Bater o ponto da volta do almoço com dois minutos de atraso.
- [13:04] – Logar o computador novamente e ir ao banheiro fingir que esta defecando.
- [13:30] – Voltar para a mesa e ver como esta o trânsito na cidade, entre outras notícias.
- [14:00] – Voltar a atualizar documentos no sistema.
- [14:45] – Parar tudo para um cigarro com café e conversar com o pessoal do departamento de compras sobre como a empresa esta mal.
- [15:10] – Ir a sala do chefe e reclamar que os documentos não estão preenchidos corretamente e isso atrasa o trabalho.
- [15:30] – Conferir as notícias sobre esportes.
- [15:45] – Voltar a atualizar documentos no sistema.
- [16:15] – Varrer a empresa atrás de alguém afim de tomar um café.
- [16:30] – Tomar um café fumando um cigarro com alguém do departamento de marketing e falar que o tempo não passa.
- [16:45] – Voltar a atualizar documentos no sistema.
- [17:00] – Encerrar os trabalhos meia hora mais cedo e começar a arrumar a mesa.
- [17:15] – Estar com tudo pronto para ir na faculdade.
- [17:29] – Bater o ponto um minuto adiantado.
- [17:40] – Pegar o ônibus para a faculdade.

- [17:58] – Descer no metrô.
- [18:35] – Chegar na faculdade e comer um lanche barato como pseudo-janta.
- [19:00] – Entrar na classe e ler, por amostragem, o texto da aula.
- [20:00] – Sair para fumar um cigarro e conversar com alguém no corredor.
- [20:35] – Voltar para a sala e responder a chamada.
- [20:55] – Intervalo da aula.
- [21:35] – Retornar para a aula quinze minutos atrasado.
- [22:05] – Sair para fumar um cigarro e conversar com alguém no corredor.
- [22:25] – Voltar para sala e responder chamada.
- [22:30] – Sair rápido para pegar o ônibus dez quarteirões para frente da faculdade.
- [23:20] – Descer para fazer baldeação.
- [23:47] – Entrar em casa, ligar o som e ir tomar banho.
- [23:58] – Sair do banho.
- [00:05] – Fazer um miojo e comer vendo notícias de futebol na internet.
- [00:50] – Ir ao banheiro defecar.
- [01:00] – Estudar e fazer trabalho da faculdade.
- [02:00] – Sentar no sofá e ver seriados.
- [03:30] – Deitar para dormir.
- [04:30] – Dormir.